**INUMAÇÃO OU CREMAÇÃO? O FOGO OU AS CINZAS?**

1. Irmãos e irmãs: neste dia em que visitamos o cemitério e nos abeiramos da sepultura dos nossos entes queridos, para os recordar, rezar com eles e por eles, gostaria de refletir convosco sobre esta tendência crescente, entre nós, de preferir a cremação à inumação dos corpos dos nossos irmãos defuntos. Está a recuar, cada vez mais, esta prática da sepultura no cemitério. Embora a cremação seja para os cristãos uma opção legítima, desde que não motivada pelo desprezo do corpo ou pela falta de esperança na ressurreição, valia a pena repensarmos esta escolha em que temos “embarcado”, ingénua e facilmente, sem nos darmos conta de alguns riscos subtis que ela pode representar para a nossa esperança na ressurreição, que é afinal o coração da fé cristã.

2. Como sabeis, seguindo a antiga tradição cristã, a Igreja recomenda insistentemente que os corpos dos defuntos sejam sepultados no cemitério ou num lugar sagrado. E, sejamos claros, a Igreja prefere esta prática à da cremação. Porquê? Eis algumas razões:

***2.1.******Primeira razão:***a inumação pela qual se coloca o corpo do defunto em terra e na sepultura é a forma mais adequada para exprimir, até de modo visível e sensível, a nossa fé e a nossa esperança na ressurreição! Esta prática lembra-nos a própria morte, sepultura e ressurreição do Senhor, qual grão de trigo lançado à terra, para aí se transformar e daí frutificar (cf. *Jo* 12,23-28). São Paulo dizia-nos claramente: “*Nós, que fomos batizados em Cristo, fomos batizados na sua morte. Fomos sepultados com Ele pelo Batismo na sua morte, para que, assim como Cristo ressuscitou dos mortos pela glória do Pai, também nós andemos numa vida nova*” (*Rm* 6,4). A nossa comunhão de vida, morte e ressurreição com Cristo passa também pela sorte igual de um corpo descido à terra, consumido pela vida presente, consumado para a vida eterna.

***2.2.*** ***Segunda razão***: enterrando os corpos dos fiéis defuntos, a Igreja confirma a sua fé na ressurreição da carne. Dizemos “carne”, não no sentido material ou fisiológico do termo, mas no sentido da nossa existência pessoal, efémera e terrena, frágil e finita, que é chamada à plenitude da vida na ressurreição. Esperamos a ressurreição desta pessoa concreta, que tem no seu corpo a sua imagem de marca, a marca da sua própria identidade. Deste modo, ao depormos o corpo sobre a terra, num processo de lenta transformação, pomos em relevo a grande dignidade do corpo humano como parte integrante da pessoa. Neste corpo estão, de facto, as marcas da vida única de um filho de Deus. Foi por este corpo que aquela pessoa veio ao mundo, amou, viveu, sofreu e morreu. Um cristão não pode, por isso, permitir comportamentos e ritos que envolvam ideias erradas sobre o corpo e a morte: a morte não é a destruição da pessoa, mas a consumação da sua vida; a morte não é o momento da fusão com a Mãe Natureza ou de confusão com o Universo, mas a comunhão de destino com as outras criaturas, na expectativa da gloriosa liberdade dos filhos de Deus; a morte não é uma etapa, num processo interminável de reincarnação, mas o renascimento definitivo da nossa vida; a morte não é a libertação definitiva do corpo, entendido como “prisão” da alma, mas a sua plena glorificação. Somos pó?! Sim, mas somos um pó amado e transformado pelo poder criador de Deus, um pó amado e insuflado pela força transformadora do Espírito, que ressuscitou Jesus Cristo de entre os mortos. Não morremos para desaparecer como pó ao vento, ou para cair no vazio escuro, mas para participarmos em pleno na própria vida de Deus.

***2.3.******Terceira razão***, e em consequência das anteriores: a sepultura nos cemitérios ou noutros lugares sagrados corresponde mais adequadamente à piedade e ao respeito devido aos corpos dos fiéis defuntos que, mediante o Batismo, se tornaram templo do Espírito Santo e dos quais, “*como instrumentos e vasos, se serviu santamente o Espírito Santo para realizar tantas boas obras*”. Desde o Batismo, há uma elevada dignidade do corpo, que participa da vocação sobrenatural da pessoa humana e é chamado à divinização. Entre o corpo histórico e o corpo ressuscitado de Jesus, entre o nosso corpo humano e o nosso corpo glorioso e ressuscitado, há certamente uma diferença qualitativa, mas não deixa de haver uma relação de identidade e de continuidade, porque há uma identidade pessoal desta pessoa, que sou eu, que permanece e não desaparece, apesar da morte, que é vencida pela força transformadora da ressurreição. Não por acaso, desde tempos antigos, se veneram as relíquias dos santos, não como meras recordações, mas porque estão ligadas à vida daquela concreta pessoa e estão ali expostos, na expectativa da ressurreição dos mortos. Podem até ser venerados pelos fiéis, porque são membros vivos do próprio Cristo e templos do Espírito Santo (*1 Cor* 3,16;6,15;6,19; *2 Cor* 6,16).

2.4. Por isso – *esta é a* ***quarta razão*** – sepultar os cadáveres exprime melhor esta continuidade entre a minha história e o meu futuro, entre a vida nova e a vida eterna. É exatamente este corpo miserável, em que está inscrita toda a minha história pessoal, que agora é semeado e lançado na terra, mas que, pelo poder de Deus, ressuscitará glorioso, como o grão de trigo que frutifica. Por isso, o rito de sepultura é a forma mais adequada de exprimir a fé e a esperança na ressurreição. É um testemunho dado à alta dignidade do nosso corpo humano.

2.5. Além do mais, pode aduzir-se *uma* ***quinta razão***: a sepultura dos corpos dos fiéis defuntos nos cemitérios ou noutros lugares sagrados favorece a memória e a oração pelos defuntos, por parte dos seus familiares e de toda a comunidade cristã, assim como a veneração dos mártires e dos santos. De algum modo, o corpo da pessoa não esgota as suas funções na vida terrena, continuando a estar em relação com os seus entes queridos, por exemplo, através das orações. Quantas vezes a cremação não significa a renúncia à memória viva ao longo dos tempos, até desembocar no desaparecimento de uma esperança na ressurreição. E, porque o que não é visto não é lembrado, quantas vezes a cremação não é uma estratégia para esconder ou privatizar ou fazer esquecer, de modo o mais acelerado possível, a morte, até ao ponto de que ninguém mais reze ou se recorde daquela pessoa?! Ora nós devemos e queremos rezar pelos defuntos, porque acreditamos na comunhão dos santos e na vida eterna. E também sabemos que uma “morte rápida”, semelhante a um “desaparecimento súbito”, não ajudará nada a pessoa sobreviva a fazer o luto. Porque a pessoa que nos morre, não “*desaparece do mapa*” tão depressa quanto poderíamos desejar ou imaginar. Para muitas pessoas, a completa ausência dos ritos e dos restos mortais só dificulta a elaboração lenta de um luto sempre difícil.

3. Sei bem que há muitas razões, higiénicas, de espaço, de comodidade, que explicam a opção pela cremação que, em si mesma, não é obviamente ofensiva para a fé cristã, porque a redução a pó e cinza não anula a imortalidade da pessoa humana, cuja vida, pessoal e única, é assumida e transformada pelo poder e pelo fogo do amor de Deus, sempre mais forte do que a morte. Mas há sinais associados à cremação, que não podemos aceitar, tais como a diluição das cinzas em lugar incerto, no ar, na terra ou na água, e não num lugar sagrado, o que leva a afastar os defuntos da oração e da recordação dos seus parentes e de toda a comunidade cristã. Reprovável para um cristão é a conservação das cinzas cremadas sob a forma de recordação comemorativa em peças de joalharia ou em outros objetos, com riscos acrescidos para práticas inconvenientes ou supersticiosas, que não auguram nem a paz aos vivos nem o descanso eterno aos mortos.

Irmãos e irmãs: tende cuidado! Que o fogo da cremação não reduza a cinzas a chama da nossa esperança na ressurreição. Esta é o coração da nossa fé! Não a deixemos morrer.

Pe. Amaro Gonçalo

Comemoração de Fiéis Defuntos 2019